

ADAPTAÇÃO: O PROJETO DE LEITURA EM *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*, DE MONTEIRO LOBATO, REDESENHADO PARA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

FERNANDA MACCARI GUOLLO - UNISUL¹

RESUMO

Para o incentivo da prática da leitura literária que é fundamental ao desenvolvimento intelectual das crianças, estão presentes na contemporaneidade variados gêneros textuais desde a prosa às HQs (história em quadrinhos). Nesta perspectiva, corrobora a literatura voltada ao público infanto-juvenil escrita nas primeiras décadas do século XX, em especial, o título *Dom Quixote das Crianças* (1936), de Monteiro Lobato, às tendências literárias atuais para disseminar no leitor-criança o gosto pela leitura. Pensando por esse viés, foi analisada a adaptação de um clássico da literatura universal escrita por Miguel de Cervantes Saavedra, *Dom Quixote de La Mancha* (1605-1615), por representar para o mercado editorial da época um projeto de leitura com direito a uma tradução de caráter adaptativo. Tendo como *feedbacks* alguns trechos da narrativa original que ao serem lidos por Dona Benta nota-se a dificuldade das crianças do Sítio em entender a linguagem empregada por sua feitura rebuscada. Lobato reestrutura partes relevantes do enredo e publica uma das suas primeiras adaptações. Na primeira década do século XXI, André Simas, pensando na ação midiática das imagens, adapta esse título de Lobato para os quadrinhos. Assim, este artigo busca analisar a adaptação realizada por Lobato e aquela realizada por Simas com o intuito de averiguar como está composta a adaptação da prosa às histórias em quadrinhos (HQs) desse clássico literário, bem como suas particularidades desde a composição estética, seus protocolos e a relação intertextual (e interdiscursiva).

Palavras-chave: Literatura infantil. Adaptação. Monteiro Lobato. *Dom Quixote das Crianças*. Histórias em quadrinhos (HQs).

*Produto da imaginação criadora do homem,
o fenômeno literário se caracteriza por uma duplicidade intrínseca:
é simultaneamente abstrato e concreto.
Abstrato, porque é gerado por idéias, sentimentos, emoções, experiências de várias naturezas...
Concreto, porque tais experiências só têm realidade efetiva quando nomeadas,
isto é, transformadas em linguagem ou em palavras.*
(COELHO, 2009, p. 64)

Aproximar os leitores, de diferentes faixas etárias, para com as obras que compõem a literatura universal é abrir caminhos a uma aprendizagem significativa e de aperfeiçoamento de inúmeros conhecimentos pertencentes ao convívio social e ao intelecto humano. Então, é interessante delinear e experimentar desde a infância leituras prazerosas e que peçam uma releitura mais acentuada na fase adulta.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (UNISUL), bolsista da CAPES, orientanda da Prof^ª Dr^ª. Heloísa Juncklaus Preis Moraes.

O escritor italiano Ítalo Calvino destaca no livro *Por que ler os Clássicos* (2009) que o engrandecimento procedente da leitura de clássicos provém dos livros que “[...] chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (CALVINO, 2009, p. 11).

Para Monteiro Lobato, o modo de deixar ao alcance dos pequenos uma literatura conceituada, universalmente conhecida, acordada com a realidade cognitiva das crianças brasileiras e enriquecendo culturalmente seus pensamentos e ações se concretizou por meio da tradução e da “adaptação”. Esta, em especial, por dar ao escritor flexibilidade (liberdade) na composição do texto para a língua traduzida. Com a preocupação de instituir uma literatura voltada ao público infantil, olhares foram lançados para esta classe de leitores, principalmente pelo processo adaptativo, desencadeando a remodelagem do enredo original à cultura e às expectativas do seu público-leitor, neste caso, as crianças brasileiras.

Assim, pensando no leitor-criança, o escritor Lobato começa a estruturar o seu projeto literário de incentivar a leitura de clássicos entre as crianças mesclando cultura, tradição e simplicidade lingüística, fazendo uso das adaptações, tornando-se um mediador (mediador-observador, mediador-escritor, mediador-leitor). Lobato une diversão e ensinamentos em seus textos originais, em suas traduções e em suas adaptações. Aqui serão enfatizados os seus feitos adaptativos presentes no livro *Dom Quixote das Crianças* e quais as suas contribuições para a aquisição do gosto pela leitura do público infantil ainda sendo conquistado na primeira metade do século XX, bem como a sua adaptação em HQs realizada, na primeira metade do século XXI, por André Simas.

Por serem considerados relevantes para a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, os livros de caráter universal ganham espaço nas mãos de Lobato. Ele adaptou entre outros títulos *Fábulas* (1922), *As aventuras de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930) e *Dom Quixote das crianças* (1936), uma adaptação do livro de Miguel de Cervantes y Saavedra, *Dom Quixote de La Mancha* (1605-1615).

O original de Cervantes foi escrito em prosa e distribuído em dois tomos, no século XVII. *Dom Quixote das crianças* foi publicado em meados de 1936, destinado à leitura das crianças, com um enredo envolvente que traz para o contexto literário infantil uma parcela significativa da alta literatura universal. Hoje o texto escrito por Lobato pode ser lido em outro gênero, como a história em quadrinhos, adaptada por André Simas (2009).

Entende-se que a originalidade total de um texto torna-se impossível, pois só consegue-se escrever sobre um tema, com um conhecimento acerca do que se quer escrever,

ou seja, os textos nascem do diálogo com outros determinados textos. Como destaca Bakhtin, “o prosador utiliza-se de discursos já povoados pelas intenções sociais de outrem, obrigando-os a servir às suas novas intenções, a servir a seu segundo senhor” (BAKHTIN, 1993, p. 105). Lobato faz conexões entre o enredo original e a turma do Sítio, principalmente no envolvimento dos personagens com a história de Cervantes.

Prado (2007) referencia o trabalho de adaptação de Lobato por se apropriar do texto cervantino incluindo as personagens do sítio no primeiro momento, envolvendo Dona Benta e os netos, bem como apresenta a história por meio dos serões, “quando a avó toma a palavra para introduzir as experiências do herói em suas andanças pela Espanha” (PRADO, 2007, p. 58). Tal modo de elaborar a escrita da história ultrapassa o ato tradutório ou mesmo adaptativo, “já que o texto mescla a narração das aventuras do herói com fatos ocorridos no sítio, alterando duas instâncias narrativas” (PRADO, 2007, p. 57-58).

Lobato entrega-se à literatura infantil e a faz perfeitamente, critica valores e recorre a “adaptações” na transcrição da língua portuguesa para atrair o interesse do público infanto-juvenil, retratando a língua como uma entidade viva e em constante transformação, partindo da necessidade dos falantes de cada região.

O recurso adaptativo é composto pelo objeto adaptado (livro *Dom Quixote de la Mancha*), o sujeito-alvo dessa adaptação (crianças) e o sujeito-adaptador (Monteiro Lobato que faz uso de Dona Benta como contadora da história). Böhn (2004, p. 59) destaca que:

O processo de adaptação, para o público infantil, revela-se como algo passível de questionamento devido à participação de dois sujeitos, no caso, uma criança (destinatário) e um adulto (emissor), pela especificidade do destinatário e pelas possíveis escolhas feitas pelo emissor. No entanto, o artifício pode configurar-se como uma solução, à medida que faculta à criança o acesso a objetos ou artefatos não destinados, inicialmente, a ela. O perfeito entrosamento entre prática do adaptador e o emissor a que se destina o objeto adaptado faz com que o processo deixe de ser um problema para aparecer como uma solução (BÖHN, 2004, p. 59)

É relevante salientar a necessária aproximação do linguajar oral que deve migrar para a escrita, se a intenção for chamar o leitor para adentrar a história. Não desconstruí-la, mas readaptá-la para o contexto da interação com o público leitor em que se faz presente a reconstrução de um enredo direcionado a um público não tão letrado quanto o infantil da época, mas que possui um conhecimento de mundo, às vezes, além de quem está a escrever. Claro, não no caso de Lobato que consegue obter essa aproximação com o imaginário infantil por meio da linguagem simplificada e descritiva atendendo às expectativas da maioria dos leitores.

Talvez essa tendência de Lobato por produzir adaptações tenha partido da falta de recursos financeiros para se manter devido a investimentos mal empregados (reflexo ainda da queda da bolsa de valores, em 1929) e de seu incessante gosto pelas traduções. Em carta ao amigo Godofredo Rangel, datada 16 de junho de 1934, faz menção aos títulos traduzidos, iniciando o seu legado de adaptações, também, ressalta que: “tenho empregado as manhãs a traduzir, e um galope, imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault, Contos de Conan Doyle, *O homem invisível de Wells* e *Polyana*, *O livro da jungle* [...] (LOBATO, 1951, p. 327).

E foi em consonância com alguns projetos da Companhia Editora Nacional, agora de Octales, que Lobato lança, em 1936, *Dom Quixote das crianças*. A publicação desse livro faz aflorar um projeto de leitura, de tradução e de adaptação que ao longo do tempo, ganhou espaço em publicações de variados gêneros textuais, dentre eles destacam-se as HQs (histórias em quadrinhos). No que diz respeito às histórias em quadrinhos, Quella-Guyot (1990, p. 7), observa que “essa produção abundante dirige-se aos mais jovens e aos mais adultos por meio de séries bastante diferenciadas em termos de concepção e de tratamento”.

Na adaptação de *Dom Quixote das Crianças*, Lobato não esmiúça todo o enredo original, faz recortes sincrônicos que proliferam o tom aventureiro das personagens, bem como a loucura, a generosidade e as artimanhas do cavaleiro andante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, dando ênfase para a estética, para a cultura e para o desempenho intelectual tanto das personagens quanto dos leitores mirins.

A primeira referência que se tem conhecimento sobre a vontade de adaptar *Dom Quixote* encontra-se em uma carta de 1921 ao amigo Godofredo Rangel, na qual pede que vá traduzindo algumas obras de Shakespeare em linguagem bem simples, ordem direta e o máximo de liberdade. E segue se colocando à disposição do amigo “Quanto a *Dom Quixote*, vou ver se acho a edição do Jansen” (LOBATO, 1951, p. 232), indicando que está interessado em atualizar a obra para as crianças. No entanto, realiza esse feito somente em 1936. Segundo Prado, esse livro “teve uma tiragem de 10.625 exemplares e a segunda edição, de 1940, contou com uma tiragem de 5.025 exemplares” (2007, p. 57).

Não é tarefa fácil escrever para um público tão exigente como as crianças. Tem de haver um envolvimento contínuo entre o texto e o imaginário infantil. É preciso jogar com as crianças, e a solução é colocá-las num universo de viagens e, principalmente, de constantes aventuras, juntamente com as personagens. Surge, então, a questão da sedução para com o leitor. É necessária uma adaptação lúdica, de cunho reflexivo e, para isso, o taubateano faz

uso do recurso adaptativo da obra consagrada de Cervantes, apropriando-se das peripécias de D. Quixote e Sancho inserindo-as no Sítio.

Ao ler *Dom Quixote de La Mancha*, percebe-se que a linguagem é rebuscada e requer um público adulto para entendê-la. Sendo assim, quando Lobato faz a adaptação, a preocupação primordial é com a linguagem mais simples, não deixando de ser centrada no texto original, o que facilita e entretém o leitor mirim, pois somente as particularidades essenciais vão ser usadas pelo adaptador, ou seja, o texto original sofre adequações, cortes, dando ênfase para o conhecimento de mundo e dos aspectos culturais do leitor, fazendo modificações necessárias para adentrar ao universo literário do público-alvo.

Em carta ao amigo Godofredo Rangel datada de 08/12/1921 afirma que “nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis leitores desta terra (LOBATO, 1951. p. 239)”. Ou seja, produzir possibilidades que levem ao encontro o rio e seus afluentes, o livro e seus leitores. Não apenas o livro em sua materialidade, mas principalmente, a disposição estilística de seu enredo.

Após a cena da queda de Emília e do esmagamento do Visconde a história é iniciada por Dona Benta que propõe a “tradução da tradução”, percebendo que ao ler as primeiras linhas do texto original a sua platéia não conseguiu situar-se principalmente no quesito língua portuguesa, ou “português perfeito”, fala Emília.

A preocupação da turma do Sítio era com a linguagem empregada no enredo original. Como se percebe no parágrafo introdutório cervantino há vocábulos eruditos que ainda não são de conhecimento do intelecto infantil o que as deixa sem entender a história. Já que Cervantes escreveu para o público adulto. Então, Lobato soluciona o problema ao (re) criar simplificadamente à reconstituição dos fatos por meio da adaptação contando com a colaboração de Dona Benta para narrar a história:

- Meus Filhos – disse Dona Benta – esta obra (Dom Quixote) está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas (LOBATO, 2004, p. 10).

Graças à adaptação criada por Dona Benta, muitos leitores além das personagens do Sítio, tiveram a oportunidade de desfrutar do contato com a essência da obra de Miguel de Cervantes y Saavedra por meio do remanejamento vocabular ora realista ora irônico dos recortes da obra original para ser contada à turma do Sítio por meio da oralidade.

A busca pela simplificação lingüística no momento de contar a história e o uso relevante dos grafemas considerados necessários para a composição vocabular são ressaltados logo no início do primeiro capítulo com a atitude de Emília ao riscar com o lápis um dos dois “aa” do sobrenome do escritor espanhol, justificando sua ação por considerar que na oralidade um “a” faz o mesmo efeito. (LOBATO, 2004, p. 8) e de Dona Benta ao “traduzir a tradução”.

A adaptação desse título reproduz passagens atrativas proporcionando interesse pela leitura, a aproximação dos leitores com a literatura ao trazer para o Sítio a loucura de D. Quixote na pele de Emília e com as colocações de Pedrinho sobre o que aprecia no personagem D. Quixote e o que menciona sobre o livro *Doze Pares de França*, de Carlos Magno evidenciando o dialogismo explícito da obra, as paradas reflexivas que Lobato faz para que todas as personagens falem o que pensam a respeito das ações quixotescas que nas HQs se encontram em formato de nuvens.

- Valente ele é – concordou Narizinho – Pena que não vença todas às vezes. O tal Cervantes era mau. Judia muito desse personagem.
- Isso é para equilibrar outras histórias de cavaleiros andantes – explicou Dona Benta – nas quais os heróis venciam sempre. Havemos mais tarde de ler algumas.
- Como a dos Doze Pares de França – observou Pedrinho. – Aquilo é que é dar pancada. [...]
- Comecei a ler e fui me esquentando, me esquentando, me esquentando até que não pude mais. Minha cabeça virou – ficou assim como a de D. Quixote. Convenci-me de que eu era o próprio Roldão (LOBATO, 2004, p. 43-44).

A adaptação desenvolvida por Lobato evidencia que a atividade é exercida com acréscimo de informações pertinentes ao enredo original, mesmo fazendo uso da síntese, quando mescla as reflexões de suas personagens no embalo da disposição oral da história e faz com que a diversão tome conta do início ao fim, das atitudes bisbilhoteiras de Emília à incorporação da loucura de Dom Quixote pela boneca de pano, comovendo-se com o estado do cavaleiro andante

Lobato compreende e dribla a realidade da época em relação ao acesso ao livro e ao ato de ler. Na época, poucas pessoas tinham o privilégio de manusear livros, somente pessoas que obtinham poder (*status*) faziam uso dos livros e da leitura, ocasionando uma fronteira entre o objeto e o receptor. De acordo com Pina (2008, p. 136) “a escrita detém o poder e o acesso ao livro implica a partilha desse poder”. A leitura abre caminhos para a reflexão sobre o tempo em que se vive.

A escolha do título dessa obra, *Dom Quixote das Crianças* é considerada ambiciosa por parte de Lobato, pois desencadeia uma nova apropriação da obra, pertencente

ao seu público-alvo: as crianças. Como salienta Amaya Prado “*Dom Quixote* passa a ser das crianças e não mais de Cervantes ou de Lobato. Nem mesmo “de La Mancha”, já que virá a terras brasileiras, por ocasião da mudança das personagens do mundo da fantasia para o Sítio [...]” (2008, p. 328).

Constata-se de imediato a intenção de Lobato em semear o gosto pela leitura literária e de incentivar a apreciação pelos grandes clássicos da literatura. Desde o primeiro capítulo o leitor já é envolvido pela biblioteca e pelo acervo ali presente, como se pode observar na desenvoltura da descrição lobatiana.

— Não tenha nenhum receio, senhora marquesa. Estou aqui agarrado nos pés da bicha como uma verdadeira raiz de árvore. Suba sossegada. Emília subiu. Alcançou os livrões e pôde ler o título. Era o *D. QUIXOTE DE LA MANCHA*, em dois volumes enormíssimos e pesadíssimos. Por mais que ela fizesse não conseguiu nem movê-los do lugar. (...)
Brolorotachabum! — despencou lá de cima, arrastando em sua queda a escada, a Emília e o cabo de vassoura, tudo bem em cima do pobre Visconde. (LOBATO, 2004, p. 8)

Ao ler esse pequeno fragmento o leitor passa a se envolver com a escrita e com o enredo do livro. Consegue imaginar a ambientação e em alguns momentos a leitura provoca uma sensação até mesmo sinestésica no leitor: “ela via com os olhos e lambia com a testa” (LOBATO, 2004, p.7).

Para aguçar o gosto pela leitura literária e levar ao conhecimento das crianças dessa nova era midiática, André Simas (2009) publicou o livro *Dom Quixote das Crianças* em forma de história em quadrinhos², sabendo que “as histórias em quadrinhos não são fáceis nem miraculosas. A arte da narrativa não se torna da noite para o dia didática” (QUELLA-GUYOT, 1990, p. 43). Assim como é preciso entender o universo infantil para se escrever para crianças, a adaptação (re)adaptada para HQs deve ser reconstruída cuidadosamente atendendo a todas as necessidades ilustrativas para chamar a atenção do leitor sem perder a essência do enredo original, que apresenta aspectos cômicos. Fato este, que Simas (2009) assim como Lobato, deixa transparecer em seu enredo nas atitudes de Dom Quixote e, principalmente, da astuta Emília, que sempre sugere que as histórias sejam contadas em linguagem simples.

A leitura das histórias em quadrinhos é de suma relevância para o desenvolvimento do imaginário infantil e do cognitivo das crianças e adolescentes, pois traz

² No Brasil, a presença das histórias em quadrinhos, também conhecida como a nona arte, por nascer “sob a ótica intermediária, sendo uma mescla de várias monoartes que geram uma multiarte” (PESSOA, 2008, p. 2), ganhou espaço garantido no currículo escolar por meio do incentivo ao uso dos variados gêneros textuais existentes que possibilitem a aprendizagem efetiva dos alunos.

personagens: última prateleira, deixando os demais livros esquecidos, as frases sintetizadas e o formato dos balões. Todos os desenhos conseguem englobar as lacunas deixadas na fala, exposta em balões, reduzida da adaptação lobatiana, mas de característica própria das HQs por meio das particularidades da imagem.

Observa-se também que o desenho proporciona a imagem “pronta” para o leitor e com detalhes acentuados como as cores dos livros que ora são claras ora são escuras.

Outro fator relevante que deve ser mencionado é o cenário no primeiro capítulo: a biblioteca, lugar este, em que o cavaleiro andante passava horas e horas a construir seus conhecimentos, entretido, nas páginas dos livros de sua biblioteca particular. Dessa forma, Lobato consegue fazer o entrelaçamento do lido originalmente e com o vivido por suas personagens. Por sua vez, Simas termina o livro em HQs com a mesma cena se passando na biblioteca: Emília pedindo ajuda ao Visconde para ler agora *O Minotauro* (uma das outras adaptações da série Monteiro Lobato em quadrinhos editada pela Editora Globo. Esse fato convida o leitor a não parar sua leitura nesse título, o incentiva a querer se aventurar em outras histórias já adaptadas por Lobato e que agora vem estruturada aos moldes quadrinhísticos.

A força da imagem e o poder de repassar o todo com o código lingüístico exposto em partes por meio dos balões metricamente encaixados nas ilustrações ficam ressaltados nas palavras de Huyghe “a linguagem das imagens [...] terá como base a experiência visual da realidade uma alusão, uma lembrança, uma estrutura, que pode ser criada a beleza harmônica e que a submete a uma função essencial, que é a de estabelecer comunicação entre os homens” (HUYGHE apud RAHDE, 2000, p. 30).

Quanto significantes e significados podem ser percebidos por meio dessas duas páginas aqui ilustradas? O signo iconográfico das personagens (Emília, Visconde, Tia Nastácia), signo analógico (a ação das personagens, principalmente de Emília), o significante (dentre outros, a queda da boneca) ocasionando o esmagamento do Visconde, que vem a ser o significado da ação da travessura da boneca, ou seja, o resultante da ação.

A (re)adaptação em HQs envolve o leitor pelas informações das imagens e pelas expressões das personagens. Nos quadrinhos a linguagem verbal é representada por linhas circulares, próximas à cabeça do(s) que expressam algo, como se pode perceber na



imagem ao lado quando Emília está conversando com Dona Benta aos momentos de reflexão do narrador (Dom Quixote) em sua biblioteca encontra-se envolto por retângulos no canto esquerdo do quadrinho. Pode-se, também, representar verbalmente os sons e isso é realizado por “meio de onomatopéias, normalmente em caracteres grandes e dispostas na vinheta de maneira a valorizá-la graficamente” (VERGUEIRO, 2008, p. 56).

No início do século XXI, o feito adaptativo imagético das HQs, especialmente, este elaborado por André Simas que, reescreve os diálogos de *Dom Quixote das crianças* adaptando-os não só aos moldes do gênero quadrinhístico, mas reescrevendo falas e episódios como o final da história em que não ocorre a morte de Dom Quixote, mas sim, dá voz a um final diferente idealizado pela boneca de pano, Emília, demonstra a necessidade de buscar novos recursos não só gráficos, mas estilísticos para encantar o público infantil e juvenil.

Assim, o legado cultural deixado por Monteiro Lobato em prol ao desenvolvimento da interação humana ocorreu por meio da linguagem e do incentivo a uma escrita que abarcasse as necessidades do intelecto humano reconhecido por meio das leituras literárias universais em forma de adaptações daquela época, permitindo o acesso a textos complexos e de extrema relevância no que diz respeito aos quesitos intelectuais, culturais e estéticos de cada leitor que se propunha a adentrar esse universo literário.

Ao reorganizar esse enredo para as histórias em quadrinhos tem-se uma junção das expectativas dos jovens leitores, ou seja, um encontro das tendências educativas da contemporaneidade para com seu público-leitor oportunizando o encantamento e a atratividade não só por meio da prosa, mas também devido aos recursos gráficos utilizados (um layout dinamizador para a história quixotesca adaptada por Lobato). Por esse viés, os quadrinhos oportunizam um novo olhar sobre a obra, em particular *Dom Quixote das crianças em*, originando-se de uma adaptação feita para o público leitor do século XX que hoje é (re)adaptada aos ensejos dos leitores infantis e juvenis do século XXI contemplando as necessidades lúdicas e didáticas dessa nova era levando em consideração esses dois aspectos essenciais para o desenvolvimento do intelecto infantil e juvenil que deve permear as leituras de todos os jovens leitores.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Lobato de todos nós. In: DANTAS, Paulo. **Vozes do Tempo de Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3.ed. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1993.

BÖHN, Gabriela Hardtke. *Peter Pan* para crianças brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie. In: CERCCANTINI, João Luis C. T. **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2004, p. 58-71.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nelson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Linguagens na e da Literatura Infantil de Monteiro Lobato**. In: ____ CECCANTINI, João Luís (Org.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Ed. Unes; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2008. p. 15-29.

LOBATO, Monteiro. **Dom Quixote das Crianças**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

____. **Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951. 2º Tomo.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. 5 ed. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 63-72.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Unimarco, 1990.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Adaptações de clássicos brasileiros: paráfrases para o jovem leitor**. Dissertação de Mestrado. 2002. PUC-Rio, Rio de Janeiro Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html> Acessado em: 4 de mar de 2010.

NUNES, Cassiano. **Novos estudos sobre Monteiro Lobato**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A leitura de Monteiro Lobato na contemporaneidade: entre o livro e os quadrinhos. In: **Via Atlântica publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa**. nº 14/2008, São Paulo, 2008.

PRADO, Amaya Obata Mouriño de Almeida. **Adaptação, uma leitura possível: um estudo de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato**. 2007. Disponível em: http://www.cbc.ufms.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=166 Acessado em: 2 de maio de 2010.

____. **Dom Quixote das Crianças e de Lobato**. In: LAJOLO, Marisa. CERCCANTINI, José Luis. **Monteiro Lobato: livro a livro**. São Paulo: UNESP. 2008, p. 328.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. **Imagem. Estética Moderna & Pós-moderna**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SIMAS, André. **Dom Quixote das crianças**. Adaptação em história em quadrinhos. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 31-64.